

O CORPO COMO EXPRESSÃO SEGUNDO A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

THE BODY AS AN EXPRESSION ACCORDING TO THE PHILOSOPHY OF MERLEAU-PONTY

Nayara Borges Reis*

Resumo: Na obra *Fenomenologia da percepção*, o tema da expressão aparece diretamente vinculado ao tema da percepção. Na medida em que o corpo percebe o mundo conforme uma atitude perceptiva, tal atitude envolve a expressão. O corpo se expressa conforme o movimento perceptivo que realiza no mundo, pois a percepção se faz por meio de uma atitude motora, um gesto, a partir do qual acontece uma prática de habitação e sentido. O corpo percebe situado no mundo sensível, que lhe faz sentido e, na medida em que se comunica com os outros, expressa essa percepção. O que o corpo comunica, antes mesmo das palavras, é a percepção do mundo. A expressão é, então, o gesto com o qual o corpo se comunica no mundo. O corpo expressa a si, ao expressar sua percepção do mundo, pois o corpo tem sentido conforme sua percepção do mundo tem sentido, ou seja, os sentidos do corpo e do mundo são imbricados. O corpo significa para o mundo assim como este significa para aquele, a relação do ser no mundo é significativa e ambígua e a expressão decorre disso. A expressão é a atitude perceptiva manifesta intersubjetivamente; é a expressão do ser no mundo. Assim, o presente artigo busca desdobrar tais noções a fim de apresentar uma compreensão do vínculo dos temas da percepção e da expressão nesse momento da filosofia de Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Percepção. Expressão. Corpo. Mundo. Sensibilidade.

Abstract: In the work *Phenomenology of Perception*, the theme of the expression appears directly linked to the theme of perception. To the extent that the body perceives the world according to a perceptive attitude, this attitude involves the expression. The body expresses itself according to the perceptive movement that it brings into the world, because perception occurs through a motor attitude, a gesture, from which comes a habit of housing, and sense. The body perceives, situated in the sensitive world, which makes sense to it, and, in as much as it communicates with others, it expresses this perception. What the body communicates, even before the words, is the perception of the world. The expression is, then, the gesture by which the body communicates in the world. The body expresses itself expressing its perception of the world, because the body makes sense as its perception of the world makes sense, or, in other words, the meanings of body and world are intertwined. The body makes sense to the world as well as the world makes sense to the body, the presence of being in the world is meaningful and ambiguous, and expression ensues from this. Expression is the intersubjectively manifest perceptive attitude, is the expression of being in the world. Thus, this article seeks to unfold these notions in order to offer an understanding of the relationship

* Universidade Federal da Bahia. nayaraborgesreis@yahoo.com.br

between the themes of perception and expression at this stage of Merleau-Ponty's philosophy.

Keywords: Perception. Expression. Body. World. Sensitivity.

I

Na obra *Fenomenologia da percepção*, o tema da expressão aparece diretamente vinculado ao tema da percepção. Na medida em que o corpo percebe o mundo conforme uma atitude perceptiva, tal atitude envolve a expressão. O corpo se expressa conforme o movimento perceptivo que realiza no mundo, pois a percepção se faz por meio de uma atitude motora, um gesto, a partir do qual acontece uma prática de habitação e sentido. O corpo percebe situado no mundo sensível, que lhe faz sentido e, na medida em que se comunica com os outros, expressa essa percepção. O que o corpo comunica, antes mesmo das palavras, é a percepção do mundo. A expressão é, então, o gesto com o qual o corpo se comunica no mundo, é a atitude perceptiva manifesta intersubjetivamente, ou ainda, a expressão do ser no mundo. Assim, o presente artigo busca desdobrar tais noções a fim de apresentar uma compreensão do vínculo dos temas da percepção e da expressão nesse momento da filosofia de Merleau-Ponty.

Tal desdobramento se dará da seguinte forma: primeiramente, trataremos de mostrar que a noção de percepção que se envolve com a noção de expressão parte da crítica à noção clássica de percepção. Em seguida, mostramos como a reestruturação fenomenológica da noção de percepção coloca o corpo mesmo como expressão, posto que o corpo é uma unidade antepredicativa que se expressa na intersubjetividade; é corpo próprio e ser no mundo ao mesmo tempo. Adiante, os aspectos relacionados à motricidade e afetividade são destacados conforme o que permite ao corpo se expressar. Conseqüentemente, ressaltamos o aspecto da expressão relacionado à linguagem, como base para a compreensão do caráter gestual da fala, pois esta é uma prática de um sujeito falante, antes que a simples decodificação simbólica de um sujeito pensante. É ainda discutida a relação da expressão com o mundo sensível, pois se trata da expressão do ser no mundo. Tal mundo é natural e cultural concomitantemente, dotado de espacialidade e temporalidade originárias. Para finalizar, mencionamos o aspecto hermenêutico que envolve a relação de significação implícita na expressão do ser no

mundo e como as dimensões da expressão, seja perceptiva, lingüística ou artística, derivam da situação afetiva e existencial do corpo no mundo.

II

Acerca da noção de percepção, Merleau-Ponty critica as análises clássicas¹, sobretudo aquelas relacionadas à ciência, a fisiologia e a psicologia, segundo os aspectos mecanicistas. Estas abordagens compreendem a percepção através da noção de sensação pura, que afeta o corpo por estímulos. Desse ponto de vista, a fisiologia e a psicologia clássicas consideram o foco da percepção no objeto percebido, mas segundo a capacidade de afetar do exterior a sensorialidade do corpo. Nestas análises o subjetivismo ainda possui um predomínio, pois atribuem uma coincidência do sujeito com o sentido do percebido. Tais abordagens presumem que há uma completa aderência dos dados sensíveis pelo corpo, de forma automática e mecânica, e definem a percepção como “a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 23).

Ao contrário destas noções clássicas, para Merleau-Ponty, assim como para algumas formulações da psicologia da Gestalt, a percepção é já carregada de um sentido, sem coincidir com ele como algo que vem do exterior para o interior do sujeito, supondo-os como separados. Trata-se antes de um sentido afetivo, que não é lógico e que não se encerra em si; é aberto, posto que “cada parte anuncia mais do que ela contém” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 24). Sujeito e objeto se imbricam na aquisição de sentido, pois o sujeito atribui sentido ao objeto, mas este se apresenta ao sujeito como algo passível de ser percebido e ter sentido. Na psicologia da Gestalt esta idéia é acentuada com a noção de que a figura sobre o fundo é o dado sensível mais simples, pois um se mescla no outro; a figura se destaca sobre o fundo, mas é só sobre este que ela aparece. Não se trata, portanto, da impressão pontual percebida pelo sujeito, mas da atitude perceptiva do corpo, envolvida em um meio.

De tal modo, a noção de campo perceptivo é afirmada, pois conforme Merleau-Ponty descreve “o ‘algo’ perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz

1 Merleau-Ponty também critica as análises clássicas da percepção na filosofia com o empirismo e o intelectualismo. Em ambas as doutrinas filosóficas, o limite é o do pensamento abstrato, posto que partem da idéia de que a percepção se dá pelo juiz interno ou pela sensação externa. Ambas as filosofias são representantes do pensamento dogmático, no qual o sujeito não é ativo, engajado em tarefas e sim o sujeito passivo da consciência e da representação, que apenas toma de empréstimo da experiência suas contingências e não as vivencia de fato.

parte de um ‘campo’” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 24). O campo perceptivo existe de acordo com uma intencionalidade, em que o mundo não deve ser substituído pela pura consciência do mundo, pois toda consciência é consciência de algo, no sentido da abertura a um indeterminado relacional, não uma consciência fechada em si mesma. A intencionalidade revela a abertura da percepção a um campo, pois esta não é determinada e não aponta uma impressão pontual, mas está na relação com o mundo sensível, que possui horizontes de sentido.

O campo perceptivo é ambíguo. Mesmo o campo visual, segundo Merleau-Ponty afirma, engloba uma visão indeterminada, pois “aquilo que está atrás de nós não deixa de ter presença visual [...] as noções contraditórias se entrecruzam” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 27, grifo nosso). Afirmar que as coisas são determinadas só é possível em um mundo em si, como nas alternativas do dogmatismo e do relativismo. O filósofo salienta que há um caráter positivo do “negativo”, pois admite que “precisamos reconhecer o indeterminado como um fenômeno positivo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 27). A percepção não possui um sentido fechado, mas um sentido aberto e por se fazer de acordo com o que é vivido pelo corpo no mundo. O que é vivido comporta horizontes, ausências, mas que também são presenças, que estão na zona de circunvizinhança. “O percebido comporta lacunas que não são simples ‘impercepções’” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 33).

Através destas noções vê-se, então, que a percepção possui um caráter expressivo. Com o retorno aos fenômenos, as qualidades percebidas são ligadas ao contexto perceptivo e a expressão é a atitude do corpo de manifestar a percepção em um contexto, em um mundo de relações. Trata-se de um grau elementar da sensibilidade, em que há uma “colaboração dos estímulos parciais entre si e do sistema sensorial com o sistema motor” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 31). Assim, se se pode falar em estímulos que afetam o corpo, não é no sentido de que tal afetação vem do exterior para se completar no interior com os órgãos do corpo. Os estímulos afetam o corpo pela sua própria afetividade, pelo seu movimento afetivo no mundo. A afetividade e a motricidade, então, revelam um aspecto originário da percepção, a partir do que o corpo vivencia em um meio.

O retorno à compreensão das experiências permite redefinir a noção de percepção, no qual se privilegia o que é vivido pelo corpo, circunscrito em uma cultura, pois “o próprio do percebido é admitir a ambigüidade, o “movido”, é deixar-se modelar por seu contexto” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 33). Merleau-Ponty enfatiza a

necessidade de explorar o domínio pré-objetivo do corpo para compreender o sentir. A percepção enquanto atitude perceptiva envolve afetos e só através deles possui um sentido que não se reduz a uma mera significação lógica. Sentir não é possuir sensações, mas estar lançado em um mundo sensível, no qual a percepção acontece pré-objetivamente, antes que a consciência a conduza, mas esta se faz por meio daquela. Isso não quer dizer, todavia, que a percepção possua uma anterioridade de fato, um *a priori*, mas - conforme Merleau-Ponty desenvolve na comunicação em que trata especificamente deste tema, *O primado da percepção* - que “o mundo percebido seria o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 42).

III

Com base nestas noções, pode-se dizer que a expressão já está na percepção na perspectiva da atitude corporal mediante a experiência vivida. Müller destaca que a expressão já está na percepção situada no mundo, haja vista que entende “por expressão o milagre das emergências autóctones de um sentido de conjunto entre os materiais pictóricos presentes, nossos dispositivos anatômicos e nossas vivências temporais, fossem elas simbólicas ou perceptivas [...]” (MÜLLER, 2006, p. 163). Valverde também afirma que :

[...] a experiência nos remete, portanto, a esse processo singular de participação num fluxo que nos antecede e no qual o próprio sentido do mundo físico desliza entre diferentes matrizes compreensivas e diferentes pontos de vista. Nesta medida, a própria atividade perceptiva aproxima-se da forma de compreensão que experimentamos na linguagem e podemos dizer que a percepção é já expressão, porque o que percebemos, mais do que representar o mundo, expressa o próprio movimento pelo qual o habitamos. (VALVERDE, 2007, p. 256).

Müller se refere à expressão pictórica na relação com a percepção através do tempo. O presente trabalho não tratará de desenvolver esta noção de expressão pictórica, mas com Müller já é relevante ressaltar que ela deriva da percepção, pois o pintor pinta a partir do que percebe. Valverde, por sua vez, se aproxima mais, neste ponto, da compreensão que este artigo busca realizar. Ao perceber o corpo já se expressa, antes mesmo de falar, pois a percepção envolve uma gestualidade, um movimento silencioso que significa, que tem um sentido. Trata-se do sentido afetivo que o corpo possui

através do movimento de habitação que executa no mundo. O corpo é, portanto, uma potência motora, afetiva e expressiva e a expressão é a expressão do ser no mundo. O corpo se move de acordo com sua afetividade e expressa esse movimento na intersubjetividade. O corpo é corpo próprio e ser no mundo, ao mesmo tempo e tal ambigüidade é que revela o enigma da expressão, pois o corpo se expressa ao expressar o mundo, ou seja, expressa seu sentido ao expressar o sentido que o mundo tem para ele.

Carlos Alberto Ribeiro de Moura comenta que “a expressão é o único conceito que Merleau-Ponty apresenta como o encarregado de entrelaçar novamente o sensível e a significação” (MOURA, 2001, p. 244). E ressalta que isso se dá porque “existe na coisa percebida uma ‘expressão natural’” (MOURA, 2001, p. 245). É na própria percepção, então, enquanto apreensão espontânea e sensível do mundo que a expressão se dá, instituindo significados que extrapolam os signos. Daí tratar de um “milagre da expressão”, que remete à ambigüidade corporal, sua inerência ao mundo que não é um *a priori*, ou nas palavras de Moura: “entre expressão e exprimido, será necessária, assim, a preservação de uma *distância* que jamais poderá se traduzir em exterioridade, e a preservação de uma *imanência* que jamais poderá ser decifrada como *contido-em*”. (MOURA, 2001, p. 251).

IV

A percepção é a expressão do movimento, pois o corpo só percebe aquilo que o movimento capta, seja pelo movimento ocular, a partir do qual o corpo vê o mundo, seja pelo direcionamento do corpo como um todo ao mundo segundo o que lhe faz sentido, a situação do corpo no mundo. A motricidade do corpo, então, possui um papel fundamental na gestualidade expressiva, na expressão enquanto gesto de significação. A motricidade é uma intencionalidade originária que faz a expressão aparecer, pois é em uma atitude perceptiva, em um movimento, que o corpo se expressa

A motricidade é movimento originário que o corpo exerce em um meio. A imbricação do corpo ao mundo se dá de forma afetiva, a partir do “esquema corporal”²,

2 Dufrenne esclarece sobre a noção de esquema e aponta alguns limites: “o esquema é, propriamente, princípio de organização do sensível (...) é o precipitado que se forma e que eu apreendo imediatamente (...) Contudo (...) ele vai demasiado depressa ao conceito e não explicita uma essência singular. O objeto estético (...) me permite discernir vários esquemas (...) e o imediato, o esquema dos esquemas, o pólo unificador que facilitará a análise (...) é a expressão” (DUFRENNE, 1981, p. 94). Dufrenne enfatiza, desta

“uma tomada de consciência global de minha postura no mundo intersensorial, uma “forma” [...] um novo tipo de existência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 145). Este esquema é dinâmico, na medida em que é o corpo ativo que funda as metas no mundo e o faz a partir deste. O corpo age conforme a motricidade que, enfim, dá sentido à situação corporal, ao contato do corpo com as coisas e com os outros. Conforme Merleau-Ponty,

[...] o ‘esquema corporal’ é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo [...] o corpo próprio é o terceiro termo, sempre subentendido, da estrutura figura e fundo, e toda figura se perfila sobre o duplo horizonte do espaço exterior e do espaço corporal (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 147).

A motricidade é gestualidade, o próprio movimento da existência e revela uma prática de habitação e sentido, pois se “somos aquilo que os outros pensam de nós e aquilo que nosso mundo é” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 154) é justamente devido ao fato do corpo adquirir sentido no constante direcionamento ao mundo. O corpo está onde possui o que fazer, pois realiza movimentos de significação no mundo que lhe faz sentido.

Segundo Merleau-Ponty, o corpo que habita o espaço é corpo fenomenal e se insere existencialmente no espaço. Este corpo possui virtualidade, potências de ação. Assim, o filósofo cita casos patológicos³ para descrever a relação do distúrbio com a vida, criticando a cientificidade a que geralmente se aplica para analisar tais casos. O que o corpo vivencia é a potência motora, potência de ação no mundo. Em casos em que se perde tal poder, não se perde o movimento nem o pensamento dele, como pensariam teorias ligadas à fisiologia ou ao intelectualismo, respectivamente. O que se perde é o meio expressivo do campo motor, a “intencionalidade motora”, a experiência efetiva que envolve ação, percepção e linguagem.

maneira, a expressão na percepção estética e neste artigo discute-se que a percepção ordinária já está em um “esquema” que é dinâmico, que envolve a gestualidade do corpo no mundo.

³ Harley Mantovani discorre sobre o patológico em Merleau-Ponty no sentido de constituir a base para uma descrição hermenêutica de sua filosofia. Como abertura ao pré-objetivo originário, o patológico é anterior à objetivação que a ciência pretende ao tratá-lo pelos dados físicos do corpo. Neste sentido, o patológico, segundo o comentador, revela uma originalidade da expressão, pois é pelo comportamento autêntico que ele pode ser pensado, aquele capaz de atingir as formas simbólicas. O doente sabe que está doente sem precisar representá-lo. Trata-se de um sentir pré-objetivo que configura uma ipseidade original. A expressão, então, surge da experiência vivida, e o aspecto hermenêutico deriva da ambigüidade da determinação com a indeterminação, do refletido com o irrefletido, do próprio movimento originário da existência, anterior à pura determinação dos fatos. Tanto para a motricidade quanto para a sexualidade, ou para as patologias ligadas a elas, vale essa noção de que se trata de uma compreensão anterior ao entendimento, que está ligada à afetividade e intencionalidade originárias.

Nos doentes o corpo é atual e estes vivenciam somente o que está dado no espaço limitado, sem as potências de ação que o levam a circunscrever a familiaridade com o mundo. Para o doente, a experiência é recortada em momentos perceptivos e não habita o todo significativo, a experiência vivida por inteiro. O que se perde, então, é a experiência da consciência, a consciência enquanto “eu posso” e não enquanto “eu penso”, segundo Merleau-Ponty. O meio expressivo, perdido no doente, é o meio em que:

A vida da consciência – vida cognoscente, vida do desejo ou vida perceptiva – é sustentada por um “arco intencional” que projeta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica, nossa situação moral, ou antes que faz com que estejamos situados sob todos esses aspectos. É este arco intencional que faz a unidade entre os sentidos, a unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 190).

O meio expressivo apreende uma “potência simbólica” e não mera função simbólica. Por meio de tal potência se entende o corpo como o próprio meio de expressão, “aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 202). O corpo e a motricidade geram sentido e constituem o “nó entre a essência e a existência que em geral encontramos na percepção” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 204), pois com a imbricação do caráter primordial e projetivo do campo perceptivo, a corporeidade é situada, dotada de sentido prévio e aberto concomitantemente. Merleau-Ponty radicaliza o corpo enquanto meio expressivo comparando-o à obra de arte:

[...] um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 210).

Tal comparação é estabelecida no sentido de que as significações do corpo são transcendentais, pois vão para além da expressão ou do expresso, formando uma indivisão entre ambos, uma significação que é vivida no meio afetivo.

V

A sexualidade, por sua vez, é outro tema, cuja compreensão de Merleau-Ponty privilegia o aspecto da afetividade. A sexualidade repousa em um “arco intencional”, porquanto está unida à percepção e à motricidade na intersubjetividade. A afetividade é essencial na compreensão da expressão, pois no encontro do corpo com o outro, o movimento da percepção é afetivo, animado pela existência. Neste envolvimento, o corpo não só se depara com outrem, se coloca diante dele, mas o percebe existindo, compartilhando de sua existência, integrando o movimento originário em direção à criação de sentidos. Em casos de patologias ligadas à sexualidade, o que falta ao doente é, da mesma forma como nos casos de patologias ligadas à motricidade, a vivência da zona afetiva. A existência inteira é recortada das intencionalidades, das significações vividas.

Segundo Merleau-Ponty “é a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 219), pois é através da sexualidade que o corpo se projeta no mundo mediante a relação com outrem. Neste sentido, o tema da sexualidade se relaciona com o da expressão, não só pelo fato de se realizar por meio do movimento originário em direção a outrem, mas também pela linguagem, pois a fala é o meio de coexistência, é o meio de atingir outrem, é a comunicação existencial.

A situação do corpo no mundo é dialética, sendo esta a tensão de uma existência à outra e não a união em terceiro termo de termos opostos, como a dialética hegeliana. Tal tensão é o próprio terceiro termo para além da objetividade e da subjetividade. É como uma metafísica, “a emergência de um além da natureza que não está localizada no plano do conhecimento: ela começa com a abertura a um ‘outro’, ela está em todas as partes e já no desenvolvimento próprio da sexualidade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 232, grifo nosso). Assim, sexualidade e existência se dão reciprocamente, em tensão constante, na transcendência que coloca o ser em situação e confere um sentido a tal imbricação. O corpo é entendido como meio de expressão a partir da potência perceptiva, motora e afetiva. O corpo executa uma “transcendência ativa”, um prolongamento para além de si mesmo por meio de suas condutas.

Há um envolvimento recíproco da essência e da existência em virtude do retorno às experiências vividas em um mundo. A experiência vivida é antepredicativa e, nesse sentido, uma essência, por estar sempre já dada enquanto potência de ação. Justamente devido a tal potência, não se trata de uma essência fechada, que se encerra em si, mas

está sempre na existência, na situação existencial do corpo no mundo. A expressão é, então, potência de significação do corpo lançada no mundo de sentido. A expressão remete à percepção que adquire um sentido no mundo e coloca um sentido no mundo. Em seu *Vocabulário de Merleau-Ponty*, Pascal Dupond também menciona que na obra de “1945 a expressão depende de uma estrutura metafísica do corpo humano que é uma potência aberta e indefinida de significar” (DUPOND, 2010, p. 29).

Andrea Bonomi busca compreender o problema da significação, adotando a descrição da atividade intencional para, então, analisar o estatuto da imbricação entre linguagem e percepção. Para ele, o problema consiste no fato de que a linguagem e a percepção são originárias e, ao mesmo tempo, transcendentais, de modo que designa a “teleologia da expressão”, cuja finalidade é a transição dos sentidos, que é a própria comunicação. O aspecto antepredicativo da linguagem consiste no fato de o pensamento e a palavra revelarem uma imbricação originária, pois não é no pensamento que está a origem do conhecimento. A linguagem é simultânea ao acontecimento do mundo da vida, não se destaca dele e é o corpo que os vivencia por meio da linguagem, comunicando-se com o outro através da palavra ou simplesmente existindo no mundo, já que a expressão na percepção tem esse poder de revelar o mundo em silêncio. Nestes termos, para o comentador, Merleau-Ponty considera o vínculo entre o eu e o outro, entre o sujeito e o objeto e, portanto, entre a percepção e a linguagem como originárias e transcendentais, como “o estrato originário em que a corporeidade, como práxis intencional, serve de *vinculum* entre mim e as coisas, é o sujeito-objeto da experiência sensível” (BONOMI, 1973, p. 16). Embora o tema da linguagem não seja desenvolvido neste texto, já é relevante destacá-lo com o comentário de Bonomi a fim de mostrar como ela deriva da percepção, estado primordial da expressão.

Enfim, o corpo no mundo possibilita a comunicação da expressão, pois esta pertence ao corpo situado. O corpo é meio de expressão, na medida em que vivencia o mundo pela potência perceptiva e afetiva, que invade a experiência de si mesmo, das coisas e dos outros. Tal experiência é pré-objetiva e se abre em horizontes de significação; é, ao mesmo tempo, originária e transcendente, pela intencionalidade da motricidade. O corpo se move em direção ao outro e às coisas e se expressa nesse movimento.

VI

A radicalização do corpo como expressão é desenvolvida por Merleau-Ponty na discussão acerca da fala enquanto atitude gestual. No capítulo “o corpo como expressão e a fala” da *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty discute acerca da fala e do ato expresso de significação na tentativa de ultrapassar definitivamente a dicotomia entre o sujeito e o objeto. Analisando as palavras, ele revela que não se trata de reconhecê-las como “imagens verbais”, pois, dessa forma, a fala é entendida em terceira pessoa, como uso de um ser de razão. O que o filósofo discute é a existência de uma linguagem intencional, que garante que atrás da palavra há uma atitude, um sentido vivido pelo corpo.

Merleau-Ponty reconhece um problema na tradição dualista com o fato de que tanto no empirismo como no intelectualismo a palavra não tem uma significação. “Na primeira concepção, estamos aquém da palavra enquanto significativa; na segunda, estamos além – na primeira, não há ninguém que fale, na segunda, há um sujeito, mas ele não é o sujeito falante, é o sujeito pensante” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 241). Com a linguagem intencional, entende-se que pensar é uma experiência e a fala é autêntica no sentido de que se fala aquilo que já se compreende mediante tal experiência. É hermenêutica a relação entre fala e pensamento.

Nesse sentido, compreende-se que há uma significação gestual imanente à fala, dada pela maneira de existir e a significação conceitual decorre disso. Conforme Merleau-Ponty diz, há um pensamento na fala, do qual o intelectualismo não suspeita, um pensamento que carrega um sentido presente em todas as partes, mas em parte alguma por si mesmo. Conforme ele destaca:

Pensar é com efeito uma experiência, no sentido em que nós nos damos nosso pensamento pela fala interior ou exterior. Ele progride no instante e como que por fulgurações, mas em seguida é preciso que nos apropriemos dele, e é pela expressão que ele se torna nosso. A denominação dos objetos não vem depois do reconhecimento, ela é o próprio reconhecimento. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 241-242).

A alternativa da imagem verbal deve ser desvinculada da idéia de representação, pois, assim como na representação do movimento, em que não é preciso representar o espaço exterior e o corpo para mover um no outro, a palavra só pode ser um meio de representação quando é pronunciada. A palavra ocupa um lugar no mundo lingüístico que ultrapassa o signo, sendo uma expressão na medida em que existe para o sujeito

falante como forma de se comunicar e não de articular conceitos puramente. “O fato é que temos o poder de compreender para além daquilo que espontaneamente pensamos. Só pode falar-nos uma linguagem que já compreendemos [...]” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 243, grifo nosso).

Merleau-Ponty afirma, portanto, que a fala e o sentido estão envolvidos um no outro, assim como na relação do artista e da obra: “a palavra é um certo lugar de meu mundo lingüístico, ela faz parte de meu equipamento, só tenho um meio de representá-la para mim, é pronunciá-la, assim como o artista só tem um meio de representar-se a obra na qual trabalha: é preciso que ele a faça”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 246). O pensamento reside no corpo como uma mímica existencial, vivida no mundo sensível. A operação de expressão abre para a experiência novos campos, ou seja, são potências de expressão, meios de expressão, como na arte. As tintas e a tela se transformam na expressão do pintor como as palavras se transformam na expressão do falante. Em ambas as expressões se trata de uma atitude que busca sentido, pois falando ou pintando se quer comunicar. Tal sentido já está na percepção e através desta atitude silenciosa o homem fala e cria.

A comunicação é uma atitude, na qual um novo ser cultural começa a existir pela expressão que se dá em um mundo já expressivo, mas sobre um fundo silêncio. O que é dito já tem um sentido, pois as palavras usadas já são conhecidas, mas passa a ter sentido para quem as usa quando, com um gesto, rompe-se o silêncio. “A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 249). O sentido não é dado, mas compreendido, retomado por um ato na intersubjetividade, como objeto intencional, que transcende a si mesmo em direção ao outro.

Daí a questão merleau-pontiana de como as significações disponíveis se constituíram, já que a fala constituída pressupõe um sentido. A explicação se dá pela perspectiva do corpo transcendente, pois, conforme ele descreve, “gritar na cólera ou abraçar no amor não é mais natural ou menos convencional do que chamar uma mesa de mesa. Os sentimentos e as condutas passionais são inventados, assim como as palavras [...]. No homem, tudo é natural e tudo é fabricado [...]” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 257). As significações se dão conforme o meio que as recruta, conforme as contingências vividas pelo corpo no mundo.

O tema da linguagem em seu caráter gestual permite, então, compreender a simultaneidade entre natureza e cultura. O corpo situado no mundo natural e cultural, ao

mesmo tempo, é uma potência que cria significações e as comunica. Trata-se do poder do pensamento enquanto fenômeno de expressão, pois a razão tem certo privilégio, mas não no sentido intelectualista de que já está dada de forma fechada e consciente de si, mas no sentido de que é um meio pelo qual o homem se projeta para o mundo. Pela fala enquanto gesto, há uma intencionalidade do sujeito encarnado, um meio de expressão em que o juízo nasce. Por isso, Merleau-Ponty destaca que nos casos de distúrbio mental que envolve a fala, as afasias, o que é afetado é menos o entendimento do que a imaginação criadora, segundo o próprio Kant já reconhecera, conforme o filósofo salienta.

Há uma “vida” da linguagem, conforme Merleau-Ponty afirma, pois ela é uma relação viva, uma manifestação, cuja criação é a essência mais profunda do homem, esse encontro do sentido na imersão cultural. Assim,

É preciso reconhecer então essa potência aberta e indefinida de significar – quer dizer, ao mesmo tempo de apreender e comunicar um sentido – como um fato último pelo qual o homem se transcende em direção a um comportamento novo, ou em direção ao outro, ou em direção ao seu próprio pensamento, através de seu corpo e de sua fala. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 263).

A fala é motricidade e inteligência ao mesmo tempo, é movimento e pensamento, gesto e consciência. Para além da fala falante e da fala falada - em que a primeira pretende, nas palavras de Merleau-Ponty, encontrar um sentido para além do ser, com uma significação em estado nascente, mas volta a cair no ser com um apoio empírico, um excesso de existência sobre o ser natural; e a segunda toma as significações como uma fortuna adquirida, tornando impossível uma expressão autêntica - a questão consiste em compreender o corpo como expressão, cuja natureza é enigmática. “Essa revelação de um sentido imanente ou nascente no corpo vivo se estende [...] a todo o mundo sensível, e nosso olhar, advertido pela experiência do corpo próprio, reencontrará em todos os outros ‘objetos’ o milagre da expressão”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 268).

O corpo próprio é essa existência ambígua que supera a tradição cartesiana que vê uma “clareza em nós e fora de nós: transparência de um sujeito que é apenas aquilo que pensa ser” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 268). Contudo, Merleau-Ponty reconhece que o próprio Descartes soube distinguir o corpo no uso da vida do corpo concebido pelo entendimento, mas ainda subordinando-o a Deus. O corpo próprio é “enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si

mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 269). O corpo comporta uma unidade confusa que a expressão reforça, pois é ao mesmo tempo, potência de expressão de si e do mundo, de seu sentido em um mundo de sentido. O corpo como expressão envolve a expressão de si, ao mesmo tempo que a expressão de sua percepção, pois se é de acordo com o que se percebe situado no mundo. Sentido do corpo e sentido do mundo são imbricados no movimento perceptivo. A expressão é ambígua, é a expressão do ser no mundo.

VII

Conforme o desenvolvimento destas noções que revelam o corpo como expressão, vê-se que o problema consiste em compreender a expressão como uma prática de habitação e sentido. O corpo se expressa no mundo de acordo com suas tarefas, seu engajamento. Daí a imbricação da expressão com o mundo sensível, mundo passível de ser percebido, não local geográfico dos corpos e objetos. Trata-se do mundo cuja temporalidade e espacialidade são existenciais, não condições de possibilidade do conhecimento. Embora não desenvolveremos pormenorizadamente os temas da espacialidade e da temporalidade nesse artigo, apenas fazemos referência a eles para tratar da imbricação existencial do corpo ao mundo no que diz respeito à noção de expressão.

Moutinho apresenta algumas contribuições à discussão acerca do vínculo entre temporalidade e subjetividade que permite elucidar a questão da expressão. Ele ressalta que:

Há uma circularidade entre o ato particular e a generalidade, entre o ser no mundo e o ser para si: se o ato é temporal, então esse engajamento, esse ser no mundo, é necessariamente para si, e a subjetividade é indeclinável; e ele é para si não porque é um objeto diante da consciência, mas porque ele se faz no mundo, e a subjetividade é dependente: não há ser no mundo sem esse fundo, sem essa generalidade para o qual remete, e esse fundo, por sua vez, esse para si, só se faz no mundo (MOUTINHO, 2004, p. 24).

Ele compreende o tempo, então, como a unidade antepredicativa na qual o corpo já aparece existindo, se relacionando e, enfim, se expressando, conforme podemos inferir desse comentário. Em outro texto, ainda, o comentador esclarece que com a

crítica à noção clássica de percepção presente na *Fenomenologia da percepção*, a noção temporalidade faz convergir a compreensão do perspectivismo da percepção e, então, da própria experiência vivida. Conforme suas palavras: “a novidade da *Fenomenologia* é a introdução do tempo para pensar a relação entre o inferior e o superior, o corpo e a alma [...]” (MOUTINHO, 2004, p. 281). Tal ambigüidade é arrastada para a significação do corpo, corpo habitual e corpo atual, conforme o comentador destaca, ou seja, corpo inserido na existência anônima e existência pessoal, ao mesmo tempo, corpo próprio e ser no mundo. Daí a afirmação conseqüente de que o expresso não existe separado da expressão, pois todo ato significativo remete a essa ambigüidade do corpo circunscrito em um mundo temporal.

A expressão no mundo sensível, de espacialidade e temporalidade originárias possibilita, então, rever o problema do movimento. O movimento não é apenas direcionamento das experiências corpóreas, pois estas experiências são existenciais devido ao engajamento sempre já realizado na existência. O movimento “é uma modulação de um ambiente já familiar e nos reconduz, mais uma vez, ao nosso problema central, que é o de saber como se constitui este ambiente que serve de fundo a todo ato de consciência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 371). É no vínculo do mundo natural com o mundo cultural, enfim, que a expressão se insere definitivamente no mundo sensível, conforme é vivida pela corporeidade de forma transcendente e existencial.

Tratar do mundo natural consiste em ver que o “problema é [...] como existe algo de objetivo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 402, grifo nosso). A coisa percebida não é simplesmente percebida como um objeto exterior, mas é vivida pelo corpo perceptivo, pois existe para este. O movimento mútuo do corpo ao mundo gera a expressão, não só o expresso e é assim que algo de objetivo existe, na conexão inseparável com o subjetivo. Merleau-Ponty ressalta que a “percepção natural [...] é uma fé originária [...]” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 431). Neste sentido, a natureza está sempre dada, mas justamente sempre dada ao poder de recriação do corpo, à sua potência de habitação e significação, pois o corpo habita o mundo que lhe confere sentido e este é o que atribui sentido àquele. Conforme Merleau-Ponty salienta:

[...] é preciso que o sujeito perceptivo, sem abandonar seu lugar e seu ponto de vista, na opacidade do sentir, dirija-se para coisas das quais antecipadamente ele não tem a chave, e das quais todavia ele traz em si mesmo o projeto, abra-se a um Outro absoluto que ele prepara no mais profundo de si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 436).

A ambigüidade é a solução dos problemas de transcendência e é a própria condição da expressão, através do engajamento do corpo ao mundo. Tal engajamento se faz na imbricação entre natureza e história, entre mundo natural e cultural, pois:

Assim, não se tem de escolher entre o inacabamento do mundo e sua existência, entre o engajamento e a ubiqüidade da consciência, entre a transcendência e a imanência, já que cada um desses termos, quando é afirmado sozinho, faz aparecer seu contraditório. O que é preciso compreender é que a mesma razão me torna presente aqui e agora e presente alhures e sempre, ausente daqui e de agora e ausente de qualquer lugar e de qualquer tempo. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 445).

O mundo cultural, de tal modo, é o reverso do mesmo fenômeno do mundo natural. O mesmo movimento em direção às coisas e aos objetos é o movimento em direção a outrem, o movimento animado pela sociabilidade, pelos comportamentos simbólicos que coexistem. Merleau-Ponty revela haver um “paradoxo de uma consciência vista pelo lado de fora” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 467), mas cuja solução está no próprio corpo. O corpo é o responsável pelo paradoxo e pela sua solução, ao mesmo tempo, pois é pelo corpo que o ser se encontra com outrem, que o vê como diferente dele. Mas é o próprio encontro do corpo com o outro que vê o outro como parte de si, pois embora carregado por aquisições culturais e afetivas próprias, o corpo está inserido no mundo da mesma forma que outrem. Os outros são reflexos do corpo próprio porque têm, cada um, seu próprio corpo que se relaciona com o corpo de outrem. É na temporalidade e na espacialidade originárias que essa intercorporeidade se dá e trata-se de uma “implicação real [...] a sutura entre meu corpo fenomenal e o mundo primordial” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 469).

VIII

De tal modo, com o vínculo dos temas da percepção e da expressão vê-se que a base destas manifestações é a corporeidade situada existencialmente. A percepção é um acontecimento espontâneo na vida ordinária, mas segundo um mundo de anonimato, um mundo de cultura com horizonte prévio de sentido. O corpo percebe de forma originária, instituindo novos sentidos pela atitude perceptiva, mas percebe em um mundo cujos sentidos já estão instituídos. Essa circularidade do sentido revela o aspecto hermenêutico da expressão, a qual será discutida pormenorizadamente em trabalho posterior. O mundo que passa a ter sentido para o corpo na sua conduta silenciosa já

possui sentido. Esse fundo de anonimato é a cultura a que o corpo está imerso, da qual decorre espontaneamente a atuação perceptiva, lingüística e artística do corpo.

Portanto, o vínculo dos temas da percepção e da expressão, a partir do que foi tratado na *Fenomenologia da percepção*, se dá mediante a relação afetiva e gestual do corpo no mundo. A expressão enquanto fala e criação artística são formas derivadas da manifestação perceptiva no mundo cultural. Há uma sensibilidade prévia geradora de atitude e sentido, já na percepção, assim como na linguagem e na arte, temas que serão investigados em trabalhos posteriores.

Referências

- BONOMI, A. *Fenomenologia e estruturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUFRENNE, M. *Estética e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- DUPOND, P. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MANTOVANI, H. J. Uma fenomenologia do patológico em Merleau-Ponty. *Revista de Filosofia Aurora*. v. 21, n. 28. Curitiba, p. 193-212, jan-jun. 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- _____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOURA, C. A. R. A cera e o abelhudo: expressão e percepção em Merleau-Ponty. In. *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora UFPR, 2002.
- MOUTINHO, L. D. S. Tempo e sujeito: o transcendental e o empírico na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Revista DoisPontos*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 11-57, 2004.
- _____. O sensível e o inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, v. XLV, n. 110, p. 264-293, 2004.
- MÜLLER-GRANZOTTO, M. Típica ou criação: o problema da universalidade à luz da teoria merleau-pontyana da expressão. In. GONÇALVES, A. et. al. *Questões de filosofia contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: UFPR, 2006.
- VALVERDE, M. *Estética da comunicação*. Salvador: Quarteto, 2007.

Artigo recebido em: 30/09/11

Aceito em: 13/12/11